

Moutinho, Mário, (2019) As Casas Tradicionais com Alpendre nas Freguesias de Monte Redondo e Carreira e Bajouca, 136-139, in Monte Redondo: Terra, Património, História. Ed. União das Freguesias de Monte Redondo e Carreira.

São vários os elementos que podemos associar quando se pensa na Arquitetura tradicional nas Freguesias de Monte Redondo e Carreira e Bajouca. O elemento mais marcante é sem dúvida a habitação propriamente dita. Esta, no entanto, encontrava-se enquadrada por outras construções, com diferentes funções como seja a casa da eira, telheiros, currais para porcos, gado bovino e abrigos para aves domésticas, palhoças e estrutura elementar para a criação de medas da palha. Fazendo a articulação entre estes elementos ou parte deles existia em geral um pátio central, coberto de caruma dos pinhais envolventes.

Naturalmente que a presença de maior ou menor número destes elementos, bem como a sua dimensão, variava não só em função dos bens de cada agregado familiar, mas também dos anos de existência de cada conjunto, pois isso implicava que ao longo dos anos, novos elementos eram adicionados à medida que o agregado familiar também se ia alargando, criando assim necessidades de novas construções.

De forma geral, os materiais de construção eram a argila ou barro, retirada dos muitos barreiros que existiam por todo o território das freguesias, a partir da qual eram preparados vários recursos: adobe ou adobo, argamassa para a construção de tabique e o chamado tijolo de burro e as telhas ditas de canudo. Igualmente este material servia de base para a construção em taipa.

No caso de adobes a sua fabricação era realizada por meio de moldes em madeira onde a argamassa era pressionada á base de barro misturado ou não com cal e por vezes palha para consolidar a sua estrutura, e posteriormente postos a secar ao sol. Tinham uma dimensão rondando 60 x 35 x 20 cm. O tabique era construído em geral para as paredes interiores, mais estreitas, com base numa estrutura de madeira preenchida com argamassa de barro.

A taipa era construída com recursos a taipais de madeira e estrutura de fixação com dimensão podendo atingir os 2 metros de comprimento e cerca de 1 metro de altura, com um afastamento correspondente à largura da parede que se pretendia montar. Neste método de construção a estrutura dos taipais ia sendo deslocada linearmente e posteriormente por camadas até se atingir a altura pretendida da parede. O Tijolo de burro podia ser de forma ortogonal para a construção de paredes ou preparado de modo

a assegurar a construção de arcos circulares nos vãos de portões, na construção de poços, na abóbada de fornos e das respectivas bocas. A cal com adição de areia em proporções variáveis, era utilizada para a preparação de argamassas para a colocação de tijolos e rebocos de paredes. Servia também naturalmente para caiar a habitação tanto no interior como no exterior. Note-se que a construção à base de adobes, tabique e taipa e existe em muitas regiões do país, em particular no Centro Litoral e no Alentejo. Este material que em Portugal deu origem a uma arquitectura geralmente térrea, noutros países, através de tecnologias diferentes serviu de base a construções complexas de vários andares.

A madeira de pinho era utilizada para a construção de janelas e portas e respectiva estrutura dos vãos, madeiramento para soalho e forros de tetos quando existentes e naturalmente estrutura do telhado e da lareira. A estes materiais podemos ainda adicional o ferro para a construção de trincos, quando não eram feitos em madeira (aldrabas) dobradiças, pregos e cavilhas, e o vidro para as janelas e para a colocação no telhado em substituição de uma ou duas telhas, permitindo pontos de iluminação zenital. Estes elementos eram adquiridos em princípio directamente junto dos ferreiros locais ou no comércio.

Tradicionalmente nos alicerces das construções era colocada uma ou mais pedras de granito de grandes dimensões pesando 200 kg ou mais, as quais actualmente podem ser vistas em locais onde no passado existiu uma habitação que entretanto ruiu e desapareceu. De certa forma são a memória do património construído mais ou menos longínquo.

Na verdade o estudo da arquitectura tradicional nesta região tem exactamente o limite da efemeridade dos materiais de construção, contrariamente a outras regiões do país onde a arquitectura tem por base materiais duráveis como o granito ou o xisto os quais por si só, testemunham da existência, forma e funções de construções, eventualmente com centenas de anos.

Do ponto de vista da organização do espaço no interior das construções, pode-se afirmar que não existe um modelo predefinido de utilização generalizada. A própria forma de construir fazendo apelo tanto quanto possível ao núcleo mais ou menos alargado de cada família e sua vizinhança, evitando fazer apelo a “mestres”, dava lugar à possibilidade de adaptação a cada situação.

Mas quanto á volumetria o mesmo já não pode ser dito pois esta resultava das características dos materiais e da tecnologia adotada, em particular do adobe que apenas

garante estabilidade em construções de um só piso, recebendo o peso de telhados, também limitado em estruturas rectangulares. Mesmo assim era corrente encontrar contrafortes nos ângulos das construções ou mesmo ao longo de paredes externas, construídos quando se notavam deformações que a médio prazo poderiam por em perigo a estabilidade do conjunto. Tanto mais que a construção em adobe convive muito mal com infiltrações de água das chuvas de inverno a qual provoca naturalmente uma rápida erosão, tanto quanto a humidade que sobe nas paredes por osmose.

O elemento exterior mais facilmente reconhecido, para além da volumetria referida é sem dúvida o alpendre na entrada de cada habitação. Como todos os espaços construídos tem uma forma ortogonal marcada por uma abertura para a passagem, tendo de cada lado um muro baixo que configura um poial. Consoante a sua dimensão poderia receber uma ou duas colunas, geralmente em madeira, que seguram o madeiramento que recebe o peso do telhado.

Neste alpendre, encontra-se a porta principal da habitação com acesso à cozinha ou à “casa de fora” assim como uma janela que dava luz e ar a uma destas divisões. A “Casa de fora” era uma divisão destinada a momentos especiais, dotada de algum mobiliário de madeira que poderia ser constituído por arquibanco, uma ou mais arcas, loiceiro, mesa, cadeiras eventualmente, um relógio de pé, uma ou mais floreiras e um oratório maior ou menor. Nas paredes eram colocados várias gravuras de cunho religioso, devidamente emolduradas.

A cozinha lugar central da habitação, tinha num dos cantos a lareira, de grande dimensão, dotada de uma estrutura de apoio para a chaminé construída em tijolo de burro. Na lareira existia espaço para uma fogueira com uma ou mais trempes para a preparação de alimentos para a família e lavagem para o gado, a qual podia ser preparada também numa outra cozinha dedicada a este fim. A lareira também disponha de um pequeno banco a partir do qual se tinha acesso ao calor e à fogueira, que era necessário manter no lume adequado a cada função. Na parede da cozinha podia existir um armário embutido na parede, local que assegurava uma temperatura interior relativamente constante. Igualmente também era frequente existir uma cantareira embutida cuja principal função era servir de apoio e proteção aos cântaros e outros recipientes de água limpa.

Da cozinha ou da “casa de fora” tinha-se acesso ao exterior e a pequenas divisões que eram os quartos em número correspondente aos recursos do agregado familiar. Nos

quartos existia uma ou mais camas constituídas por dois cavaletes e tabuas onde assentava uma esteira sobre a qual era colocado o colchão enchido de palha de milho. De um lado ou outro da habitação podia existir uma nova divisão afeta às atividades de produção agrícola tais como enxadas, charrua ou arado. Também aqui, consoante os recursos, podia servir de adega de pequena dimensão, reserva de lenha ou de feno e palha.

A construção dos outros elementos arquitectónicos seguia os mesmos princípios utilizando os materiais de forma adequada a cada caso. Assim as colunas que formavam a estrutura das palhoças eram em geral de tijolo de burro e a cobertura tinha por base uma estrutura de madeira. Nas palhoças de maior dimensão podia mesmo ser criado um madeiramento mais elaborado por forma a cobrir vãos de maior dimensão.

A nosso conhecimento apenas existe um estudo sobre a arquitectura tradicional das freguesias referidas intitulado “As casas tradicionais com alpendre da área de Monte Redondo”, da autoria de Francisco Clemente Pinto, Helena Coelho e Rosário Alves, realizado no início dos anos 80, no âmbito de um trabalho de campo em Antropologia Cultural do curso de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa¹. Segundo este estudo, das 30 casas alpendradas identificadas nos lugares de Paço, Braçal, Cozinheiros, Sesmarias, Casal Novo, Laje, Andrézes, Bajouca e Loural podia-se considerar que estavam:

- Casas bem conservadas (7) - 23,3%
- Casas em estado de conservação razoável (8) - 26,6%
- Casas mal conservadas (7) - 23,3%
- Casas muito degradadas (8) - 26,6%

Esta constatação levou os autores a concluir o estudo com as seguintes reflexões:

Após a elaboração deste trabalho, surgiram-nos diversas interrogações, às quais gostaríamos de tentar dar uma resposta.

O que é hoje em dia uma casa tradicional? Pensamos que a casa tradicional, é vista como uma presença do passado no presente, isto é, um legado dos nossos antepassados, que através das mesmas tentamos contar um pouco da sua história, da sua vivência, da sua época.

¹ Este trabalho não está publicado, mas pode ser consultado no Fundo de Documentação Local do Museu do Casal de Monte Redondo.

Qual o seu enquadramento actual? Este enquadramento actual passa por uma alteração do seu aspecto físico, tentando-se recuperar a sua funcionalidade, ou seja, tenta-se adapte-las à época actual.

Qual o seu futuro? É nesta questão que se nos levanta uma grande interrogação, pois por aquilo que nos foi possível observar, vemos somente duas vias:

O desaparecimento total, quer por inadaptação (e conseqüentemente um progressivo abandono das mesmas, que conduzirá ao seu desaparecimento), quer por substituição (afim de dar lugar, a novas casas).

Ou a sua adaptação com a introdução de diversos aspectos que se enquadram numa vivência actual e futura

Passámos em revista alguns elementos que permitem caracterizar a arquitectura das casas alpendradas, mas face ao estado em que se encontravam e que presumivelmente se encontram na atualidade julgamos que fará todo o sentido promover a actualização do estudo referido, tendo por objetivo constituir um contributo para a definição de uma política pública para a valorização da arquitectura tradicional nas freguesias de Monte Redondo e Carreira e da Bajouca.



Paço



Paço



Paul



Paul



Cozinheiros